Officina de composição
e impressão de
MANUEL BAPTISTA TORRES
R. DE S. MARTINHO
Aveiro

POVO DE AVEIRO

PROPRIETARIO E DIRECTOR
Manuel Baptista Torres
Redacção e administração
R. de S. Martinho, AVEIRO

SEMANARIO REPUBLICANO

Numero 408

Assignaturas
AVEIRO—Um anno, 1\$200 réis. Semestre, 600. Fóra de Aveiro, um anno 1\$300. Semestre 650 réis. Brazil e Africa, anno 2\$500. Semestre, 1\$500 réis (fortes).

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

Publicações
No corpo do jornal, cada linha, 40 réis. Anuncios, cada linha, 30 réis. Permanentes, mediante contrato. Os srs. assignantes tem desconto de 30 por cento.
NUMERO AVULSO, 30 REIS

8.º ANNO

PAGAMENTO ADIANTADO

RESPONSABILIDADES

O TRUNFO É ESPADAS

NÓS, O MILITARISMO E OS DIRIGENTES REPUBLICANOS

Não desistíamos do proposito de esclarecer um pouco a cerrada, ou acanhada, intelligencia dos jornalistas republicanos, que teem passado a vida a comprometter estupidamente os interesses democraticos, e, por isso, em 11 de junho, d'esse anno de 1905, assim continuavamos:

«E' voz corrente em todos os quartéis, verdadeiro ou falso, que é sua magestade que se interessa vivamente pelo augmento de soldo aos officiaes do exercito. Conta-se que, n'uma guarda do Paço, sua magestade notara que o subalterno se apresentara com a farda no fio. Que, interrogado este por alguém, directa ou indirectamente, sobre as causas de tamanha miseria, o subalterno respondera com a exposição minuciosa d'um orçamento domestico verdadeiramente atterrador. Que, levado o facto ao conhecimento de sua magestade, sua magestade achara fundamentados os motivos para a farda ter chegado a tão misero estado, e proclamara, desde logo, a necessidade immediata de serem augmentados os vencimentos aos officiaes do exercito, sobretudo aos subalternos.

E' uma verdade?
E' uma lenda?
Incontestavelmente é uma lenda. E' uma formidavel patranha. Todos os officiaes andam com as suas fardas em bom ou regular estado de acção e conservação. Mas se um sahisse d'essa regra, é claro que ninguém no Paço iria interrogar lo sobre tal infracção disciplinar. Seria, sob todos os pontos de vista, um acto incorrectissimo.
E', pois, uma lenda. E', pois, uma patranha. Mas lenda, mas patranha *propositadamente* forjada e espalhada n'um sentido de manifesta corrupção, n'um fim de evidente propaganda monarchica. O rei poderá ser o patranha—e cremos firmemente que é—d'augmento de soldo aos officiaes do exercito. Mas era preciso pôr em relevo, dar força, reverter de espirito romantico, n'um paiz dao ás lendas, ao sebastianismo, ao providencialismo, n'um paiz d'almas simples, ou, por outra, d'almas idiotas, essa boa vontade do arbitrio dos destinos da nação. Uma das muitas formas de corrupção postas em gyro por todos os regimentos quando se sentem desamparados da justiça, do prestigio, da razão. E invento u-se a patranha, que vae correndo os quartéis, por entre um côro de sympathia e de aclamações.
Pois a essa propaganda monarchica, executada em circumstancias tão extranhas, associam-se alguns dos jornaes republicanos.

Não os ha mais imbecis!
E' claro que os grandes homens que n'elles escrevem julgam-se, apenas, habilitissimos politicos. Seria escusado acrescenta-lo.
Incontestavelmente, já o dissémos aqui, os vencimentos dos officiaes do exercito são diminutos em relação á carrestia da vida. Mas augmentar-l'hos, em vez de resolver embaraço, difficulta gravemente a questão. Que os monarchicos não a saibam resolver, comprehendem-se muito bem. Quando a desmoralização é a norma do governo, só ha um meio de resolver atritos, de aplacar difficuldades, emfim, de governar. E' corromper! Sempre foi assim. Assim será eternamente. Mas que os republicanos vão na corrente dos monarchicos é tudo quanto ha de mais extraordinario, para não dizer, mais que é tudo quanto ha de mais vil ou de mais tolo.
Imaginam—e é a segunda vez que o perguntamos—que arman d'essa forma á popularidade dos quartéis? Não. Continuarão apenas a ser olhados, lá den-

tro, com mais desprezo do que teem sido olhados até hoje.
Nunca se impõe a fraqueza. Nunca se impõe a subservencia.
Quem ficará com todas as honras de ter resolvido a questão será a primeira força, a primeira influencia do regimen. E a conducta dos jornaes republicanos, que auxiliaram o jogo monarchico, será vista, apenas, como um acto de lisonja, ou, para dizermos a verdade inteira, como uma tentativa tambem de corrupção, de captação, mas, tão asnatica, pois que degenera n'um acto de simples cumplicidade, que só pôde provocar o riso desprezador dos quartéis.
Um acto de cumplicidade, de revoltante cumplicidade, que solda na mesma grilheta a responsabilidade monarchica e a responsabilidade republicana. Como em tantos outros factos, desgraçadamente! da vida portugueza.
Depois da nossa Manchuria, do nosso Santhiago de Cuba, do nosso Sédan, com que auctoridade increparão os republicanos os monarchicos para lhes perguntar: o que fizestes do exercito portuguez?
«O mesmo que vós, responderão elles. Corrompe-lo, como vós tentastes corrompe-lo. Apenas o fizemos com mais habilidade. De resto, o vosso desprezo, pela sua organização e moralidade em especial, e pela justiça em geral, foi o mesmo.»

E responderão a verdade.
Augmentar os vencimentos dos officiaes não resolve, repetimos, embaraço, difficulta gravemente a questão. Não hesitaríamos, nós tambem, em defender esse augmento, em o aconselhar, em o impôr se podessemos e necessario fosse, vivendo n'um regimen de moralidade e de justiça. Mas n'este regimen de tremendas desigualdades, de formidaveis nepotismos, faze-lo é commetter um crime social e um crime politico. Um crime social, porque onde o povo morre de fome é indigno todo aquelle que, dizendo-se defensor dos interesses populares, pede para os outros aquillo que não pôde obter para o povo. Um crime social, porque onde todas as classes estão mal pagas, a começar nas infimas classes militares, nos soldados e nos sargentos, é indigno todo aquelle que, dizendo-se propugnador d'um ideal de justiça, reclama excepções para uma classe privilegiada. Um crime politico, porque tendo sido o exercito o mais forte apoio da ordem conceder-lhe excepções e privilegios, que redundam n'uma corrupção evidente, é manter a nação manietada e derrubada aos pés das odiosas oligarchias que nos mandam e governam.
Abaixo esse crime. Fóra essa loucura.
Os officiaes do exercito queirem o direito de melhorar de condições? Conquistem esse direito, como todas as outras classes da nação. E' a unica coisa que lhes tem a responder um democrata. Conquistem esse direito pelo trabalho e pelo civismo. Colaborem com as outras classes da nação no triumpho da moralidade e da justiça. Ponham o interesse geral acima do interesse dos individuos, das classes e das facções. E, n'esse dia, annulladas as quadrilhas, vencidas as oligarchias temerosas, restabelecido o imperio da lei, da liberdade e da verdade, n'esse dia, em que todos nós deixemos de ser as victimas desgraçadas d'uns centos de exploradores sem alma, diminuirá o preço de todos os generos necessarios á vida, e o dinheiro, que não fór necessario já para toda a casta de alcaíotes, beaguins ou maisins, deverá então reverter dignamente em beneficio dos servidores honestos da nação.
Não lhes podemos indicar outro caminho, senhores officiaes do exercito. E se vossas senhorias, sem exaltações, calmos, e de mão na consciencia, qui-

zerem reflectir um instante, não de nos dar plenissima razão.
Conquistem o seu direito, senhores. E conquistem-no pelo trabalho, pelo desinteresse, pelo mais elevado patriotismo, como o conquistaram os officiaes allemães, por exemplo.
Por ventura só os senhores em Portugal soffrem privações? Nem as soffrem em relação ao paiz, porque em Portugal todas as classes pobres arrastam uma vida dura, nem as soffrem em relação ao estrangeiro.
Nas suas celebres *Cartas sobre a Infantaria*, diz o principe de Hohenlohe (pags. 79 e seguintes, da edição franceza):

Transcreviamos aqui os periodos em que o principe de Hohenlohe, que foi um dos melhores generaes do imperio allemão, narra a *miseria, a fome*, que passavam os officiaes allemães antes de 1870, sujeitos a um trabalho colossal, esses homens que manifestavam um *appetite devorador* (como textualmente diz Hohenlohe) *engulindo todo o pão com manteiga* que, nas reuniões particulares para as quaes eram convidadas, apparecia deante d'elles, não tendo pejo de confessar mais tarde, em epochas de prosperidade (sempre palavras de Hohenlohe) que se n'esse periodo tinham procedido assim *era porque havia occasiões em que chegavam á noite sem terem comido todo o dia*, esses homens que, (fala sempre Hohenlohe) quando não eram soccorridos pela familia, soffriam, em alferes e tenentes, *as mais duras privações, em silencio, entre as quatro paredes do seu quarto*, esses homens que compravam aos impedidos o pão de munição, a pretexto d'elle ser mais saudavel mas na realidade (diz Hohenlohe) *por ser mais barato*, esses homens que de inverno *batiam o queixo com frio por não terem dinheiro para comprar lenha que, no fogão, lhes aquecesse os aposentos*, e que pelos maiores frios sahiam para a rua sem capote, *porque tinham calor*, allegavam elles, *mas na verdade porque os queriam poupar*, transcreviamos isso e concluíamos:

«Ora a este estado ainda não chegaram os portuguezes.
Com aquella abnegação, em troca de uma *fadiga sem treguas nem repouso*, palavras textuais do principe de Hohenlohe—é curioso sob esse ponto de vista o livro *Pro Patria* do sr. Homem Christo—foram os officiaes allemães até Paris. A fazer a toda a hora exigencias de promoções e vencimentos foram os officiaes francezes até Sédan.
Da mesma fórma a comer arroz, com uma sobriedade extraordinaria, entraram os japonezes em Porto Arthur. A beber champagne recuaram os russos até Kharbine.
A mesma coisa, em todos os paizes e em todas as epochas da historia!»

E eis como nós serviamos os interesses da monarchia e como combatiamos os republicanos!
Os infamissimos quadrilheiros, vergonha do jornalismo e da democracia, que n'outro dia no *Mundo* atacavam, pela fórma conhecida, o sr. Homem Christo, não tinham outra accusação a dirigir-nos se não a de que consumiamos todo o nosso esforço em atacar em linguagem violenta os republicanos, poupando o governo e a monarchia. Ora eis ali demonstrado, com extractos de numerosos artigos, como atacavamos *violentamente* os republicanos e como defendiamos a monarchia!

Não é preciso atacar *violentamente* os republicanos. Basta não estar d'accordo com elles. Basta exercer o sagrado direito de critica em relação aos seus actos. Basta defender das suas arremetidas, ou

das arremetidas dos seus chefes, que a estes, em especial, nos referimos, os principios essenciaes da democracia. Outra coisa não fizemos nós, como vamos demonstrando, outra coisa não fizemos nós, com carradas de razão como os factos estão provando, outra coisa não fizemos nós, dentro da verdade, da justiça, da moralidade e dos interesses publicos, e foi o sufficiente para que se praticassem contra nós os actos de bandidismo que estão na memoria de todos.

Venham os desilludidos até nós que os receberemos de braços abertos, berrava no ultimo comicio o honrado e santo Bernardino, como já tinha berrado o mesmo na anterior reunião do Centro de S. Carlos, como o mesmo tinha berrado com elle João Chagas, e outro cidadão. *Venham, venham os desilludidos*, mas para pegar na cauda dos illustres magnates, mas para aquiescer a todos os seus actos, bons ou maus, asnaticos ou acertados, mas para dizer que *sim* quando elles queiram que se diga que *sim*, para dizer que *não* quando elles queiram que se diga *não*, para exaltar asnos ou patifes quando elles queiram que se exaltem asnos ou patifes, e para sacrificar homens intelligentes, prestimosos, honestos ou alfvos, quando, do alto da sua tribuneça inquisitorial, imponham esse sacrificio.

Nós bem sabiamos—e então o declarámos—que não seria possível evitar, por mais que se combatesse, o augmento de soldo aos officiaes. Mas era o caso de se soltar a phrase de Robespierre, a que o sr. Brito Camacho, porque nunca a comprehendeu, chama, na sua habitual propaganda reaccionaria, suppondo-se um doutrinario do bom senso, uma das muitas e grandes banalidades da revolução franceza: *perca se tudo, mas salvem-se os principios*. Defender o augmento de soldo na esperança de captar a sympathia da officialidade era, sob o ponto de vista do *bom senso*, tudo quanto havia de *menos sensato*. As sympathias dos officiaes não podiam ser dadas ao mesmo tempo a Deus e ao Diabo. Iriam naturalmente para Deus. *Quem dá pão é pae*. Combate-lo não o impediria, mas não levaria tambem a officialidade a apoiar a monarchia com maior *dedicação*, a *dedicação* da paga, do que a apoiava já. Então, entre fazer o jogo da dissolução monarchica sem proveito e afirmar a verdade e a justiça, não havia, nem á face do *bom senso* nem á face dos principios, hesitação possível. Affirmava-se a verdade, defendia-se a justiça, *salvavam-se os principios*. Era a unica maneira do partido republicano ir accordando, no proprio exercito, a consciencia publica. Era a unica maneira de manter o seu prestigio no paiz. Não o fez. E' certo que o sr. Antonio José d'Almeida combateu na camera o augmento de soldo. Mas era tarde. O sr. Antonio José d'Almeida salvava d'esse modo a sua responsabilidade pessoal. Não salvava do partido republicano, compromettido no assumpto por uma propaganda estúpida, asnatica, desastrosa, da quasi totalidade da sua imprensa. Os jornaes que não haviam defendido o augmento de soldo tambem o não haviam combatido, surdos a todas as razões allegadas pelo *Povo de Aveiro*. Nem sequer, apoiados n'essas razões, tinham pedido, ao menos, que fosse augmentado tambem o pret dos

pobres soldados, ou melhoradas as condições d'esses infimos servidores da nação. De maneira que responsaveis em grande parte pela dictadura, pela maneira *insensata* porque se portaram em face da nova situação politica, são responsaveis tambem pelo caracter militar d'essa dictadura.

Esta é a verdade.
E continuaremos a demonstralo. Porque não ficou por ali, nem a vergonhosa cumplicidade dos dirigentes republicanos na obra *militarista* do regimen, nem o nosso protesto. Eramos nós e unico, *sempre o unico*, a protestar. Nós, que os bandidos accusavam e accusam de comprometter a causa democratica servindo a monarchia!

Assim, em 6 de maio de 1906 diziamos:

«Começam a apparecer nos jornaes artigos varios defendendo a necessidade do sr. Pimentel Pinto completar os quadros da sua ultima reorganização militar.

Temos estado a ver se algum dos anti-militaristas, que defendem a disciplina do exercito, novo ou velho, nobre ou plebeu, rico ou pobre, sabio ou ignorante, sahia a combater essa manobra. Pois, senhores, nem novo, nem velho, nem nobre, nem plebeu, nem rico, nem pobre, nem nada. Silencio em toda a linha. E eis como a imprensa portugueza cumpre a sua missão!

O soldado ganha um vintem por dia, ou dez reis se anda no maximo desconto, e com um vintem, ou com dez reis por dia, ha de cortar o cabelo, fazer a barba, engraxar as botas e pagar á lavadeira, *fóra o resto*, que não se conta, porque o selvagem não tem direito a ser homem? Que se arranje.

O soldado paga os lençoes em que se deita? Pois que pague.

Não tem camasa para se deitar, nem mantas para se cobrir, porque essas é o Estado que as paga, e o Estado precisa de dinheiro para a folia? Que não tenha.

Ninguém se importa com a sua educação civica durante o tempo em que permanece nas fleiras? E' correcto.

Mas prendem-no, porque mata um official? Mas castigam-no, porque se insubordina quando não o deixam ir bater o fado á mouraria? Então, sim. Então é que as almas piedosas se comovem! Então é que veem as lagrimas sobre a sorte do *pobre soldado*!

Com o official succede a mesma coisa. Castiga um relaxamento? Tyranno! Mas exige augmento de vencimentos? Uns applaudem, outros calam-se. Reclama promoções? Venham promoções, para o senhor official!

Esta é a norma. Ou se trate de jornaes monarchicos, ou se trate de jornaes republicanos.

Phantastica imprensa!

O sr. Pimentel Pinto augmentou varias unidades na tal supposta reorganização militar. Mas não se atreveu a crear os quadros correspondente a essas unidades. Por exemplo, augmentou um batalhão a cada regimento de infantaria. Cada regimento tinha dois batalhões, a quatro companhias cada um. O sr. Pimentel Pinto constituiu o regimento com tres batalhões, a tres companhias cada um. Resultava, portanto, o augmento d'um major, d'um capitão e de dois subalternos. Ora este augmento é que o sr. Pimentel Pinto nunca se resolveu a decretar, e d'ahi resultou uma anarchia, pois que só á custa d'um regimento outro poderia ter os seus quadros completos.

Sahiu do poder, e encontra, ao regressar, a mesma situação, que o sr. Sebastião Telles quizera remediar fazendo voltar os regimentos ao estado anterior, isto é, aos dois batalhões de quatro companhias. Não o poudo fazer, já pela vida perturbada do gabinete progressista, já pela opposição que o sr. Telles encontrou no exercito. Os officiaes não queriam *córtés*. Queriam *augmentos*.

E' esse augmento que varias gazetas, em artigos evidentemente escriptos por officiaes, veem defendendo calorosamente. E, sem duvida, incitados pelo proprio ministro da guerra, que quer preparar a opinião para o seu *golpe audacioso*. O sr. Pimentel Pinto não pôde executar a tentativa do sr. Sebastião Telles. Se foi elle que augmentou as unidades, como as ha de agora dimi-

nuir? Mas unidades sem quadros não podem subsistir. Logo, o unico recurso que resta é augmentar os quadros.

Ora isto, principalmente nas conjuncturas actuaes, é um verdadeiro escandalo, que a imprensa democratica tem rigorosa obrigação de combater.

A obra de corrupção, que se vem fazendo ha muitos annos no exercito, é tudo quanto ha de mais dissolvente. Não se impõe ao official senão a defesa do regimen, e, em compensação, vão-se-lhe satisfazendo todas as suas exigencias. Já aqui dissemos—o que, aliás, é sabido de toda a gente—que o sr. Sebastião Telles deixou de ser ministro por não poder satisfazer a sua promessa de que, dentro de certo praso, augmentaria os vencimentos aos officiaes do exercito. Succedeu-lhe o sr. Mathias Nunes, que fez uma promoção escandalosa na arma de artilheria, para satisfazer as imposições dos officiaes da arma, e, sobretudo, para livrar da *guilhotina* o sr. tenente coronel Machado, o patriota, promovido a coronel na vespereira do dia em que seria atingido pelo limite de idade. Toda a gente está lembrada dos protestos successivos feitos na camara, em nome da *economia publica*, pelo sr. Francisco José Machado contra a lei do limite de idade. Ora o que se veio a provar é que o sr. Francisco José Machado não protestava contra a lei de limites de idades, mas contra o *limite da sua idade*, nem em nome da *economia publica* mas em nome da *sua propria economia*. E tanto, que sua excellencia ficou reduzido ao mais completo mutismo, perante a escandalosa contradição de officiaes de artilheria, quando foi promovido ao posto de coronel.

Ao sr. Mathias Nunes succede o sr. Pimentel Pinto, que já pensa em fazer, para a infantaria, peor do que o sr. Mathias Nunes fez para a artilheria.

Como tambem já aqui fizemos notar, o official não se impõe senão para obter melhoria de condições. Que o exercito não tenha instrução, que não tenha armamento, que não tenha effectivos, que não tenha coisa nenhuma, pouco lhe importa. Comtanto que a elle lhe augmentem o soldo, lhe melhorem a reforma e lhe deem promoções. Grande ministro não é o que reformar, ou o que meditar reformas. É o que melhor *cozinhado* arranjar.

Ora isto é uma tremenda desmoralisação, que não deve passar sem vivo ataque da parte da imprensa democratica. Se essa imprensa o não fizer commette um crime, e commette um erro. Commette um crime, porque o seu dever é impedir todos os actos de esbanjamento e de desmoralisação. Commette um erro, porque todas essas manobras, afinal, são dirigidas contra a democracia.

Pois sim! Bem importava nós gritarmos! Os grandes servidores da republica não se inquietavam com ninharias de tal ordem. Ficaram mudos, como sempre.

Dias depois cahiu o ministerio. Os regeneradores espalharam que haviam sido expulsos do poder por causa da questão dos tabacos. Os jornaes republicanos fizeram-se logo echo dos regeneradores. Chamando *parvos* aos jornalistas republicanos, explicavamos aqui as verdadeiras causas da queda do governo e, entre outras coisas, escreviamos em 27 de maio:

«Muitas vezes aqui temos escripto que toda a politica monarchica se tem cifrado, de 1891 para cá, na defeza do throno. A esse principio obedeceu o actual codigo de justiça militar, o actual regulamento disciplinar do exercito, a reforma da policia de Lisboa, a lei de 13 de fevereiro, a lei de imprensa, a lei eleitoral, enfim, toda a legislação moderna, todos os actos, nos ultimos annos, de iniciativa official, quer em relação ao elemento civil, quer em relação ao elemento militar. Quem percorrer a collecção do *Povo de Aveiro* verá que foi este o primeiro, de todos os jornaes republicanos, que poz em relevo essa politica, e que para ella chamou, insistentemente, a atenção dos republicanos.

Ora, ultimamente, factos excepcionaes se passaram que foram levar a irritação e o alarme ao quartel general da concentração monarchica. Não ha a menor duvida de que se *pensou* na abdicção. De que se iniciaram n'esse sentido os primeiros passos. Quem manda adquiriu essa certeza, e soube que se os mais altos magnates regeneradores não eram cumplices no plano, pelo menos manobravam em politica de braço dado com os *conspiradores*. Quem manda, que tem um serviço de informações exclusivamente seu, ouvia a voz dos quartéis, a *unica* que seriamente lhe impressiona os ouvidos. E essa voz, principalmente na guarnição de Lisboa, era muito pouco para tranquillisar. Diziam-se, á bocca cheia, coisas do diabo.

A insubordinação dos marinheiros, reflexo do estado d'espírito da tropa, veio augmentar o alarme e impôr a necessidade d'obrar com prudencia. Ficou assim revelada, estrondosamente, a indisciplina que vinha lavrando na forga armada, e que, por ser maior no exercito de mar, não deixava de existir tambem, assustadora, no exercito de terra.

Em tropas indisciplinadas não ha que fiar. O que sahiria da insubordinação dos marinheiros, se elles são mais ouvidos?

Vieram as eleições de Lisboa, que deixaram patente, não só uma elevada votação, o que já era de esperar, mas o esqueleto d'uma admiravel organisação que, d'um instante para o outro, poderia, por algum *atrevido*, e combinada com o *mau estado dos quartéis*, ser aproveitada em sentido revolucionario. A's eleições seguiu-se a brutalidade da estação do Rocio, que, *fosse quem fosse que a ordenasse*, não foi *bem medida* nas suas consequências. Alem do espirito publico a receber muito mal, teve como resultado immediato a manifestação do Campo Pequeno, que não só creou uma situação muito embaraçosa, ou, por outra, que não só veio agravar os embaraços de toda a ordem que já existiam, como levou, *com razão*, ao cumulo, a colera dos deuses. E dizemos com razão porque Hintze, *que a tinha previsto em parte*, andou desastrosamente *nao a previsto por inteiro*.

Que fazer, n'essa altura? Recorrer a violentas repressões? Era difficil, por varios motivos: E um d'elles por não haver, repetimos, *demasiada confiança na tropa*. Quem garantia que um novo acto de indisciplina, em qualquer parte, um incidente inesperado, não viesse lançar tudo em completa desordem?

Jupiter será o que quizerem. Mas, na hora do perigo, tem um bello instinto de conservação!

Os fundos de João Franco vinham subindo desde os ultimos dias do *ministerio progressista*. A opposição franquista era a que se apresentava mais *correcta e mais disciplinada*. Assim se vinha dizendo, desde muito, nas altas regiões.

João Franco tinha varios trunfos, mas, coincidência notavel, o melhor d'elles todos era o *trunfo militar*. Aqui o escrevemos n'este *Povo de Aveiro*, em outra das nossas *Cartas d'Algures*, publicada em 8 do mez que findou. «Procurava tambem, embora d'outra forma, mostrar ao Povo que era uma forga. E—coisa curiosa—um dos melhores trunfos do seu jogo era, precisamente, o elemento militar.» Eis as nossas palavras textuaes! Apregoa-se a forga que João Franco tinha no exercito. E, na verdade, eram numerosos os officiaes, de todas as armas e patentes que no seu grupo estavam filiados.»

N'esse mesmo numero do *Povo de Aveiro*, na secção *Cartas d'Algures*, apreciavamos d'esta forma a campanha feita pelo *Mundo* e outros contra uns artigos militares publicados na *Ilustração Portuguesa*:

«Foi com verdadeira surpresa que eu li, n'alguns diarios republicanos, a noticia de que a *Ilustração Portuguesa* ia praticar uma *traição sem nome*, revelando á Hespanha os planos da defeza militar de Portugal.

O que irá a *Ilustração Portuguesa*, perguntava eu a mim proprio, revelar á Hespanha, que a Hespanha não saiba?

Quaes são os planos da defeza militar de Portugal?

Mas havia outros motivos de pasmo e de surpresa para mim. Os jornaes republicanos appellavam para a acção do governo, dos tribunaes, do ministro da guerra, invocavam o *Codigo Penal*, o *Codigo de Justiça Militar*, mesmo antes de apparecer o annuncio escripto na *Ilustração Portuguesa*!

Não era tudo. Os jornaes republicanos, pela forga de indignação com que se manifestavam contra a idéa de Portugal poder ser invadido e vencido pela Hespanha, pelo entusiasmo com que falavam da *valentia dos nossos soldados e da habilidade dos nossos officiaes*, continuavam o jogo da monarchia, que empregou sempre esses mesmos *palavrões*, que se serviu

sempre d'esses mesmos processos, para poder, commodamente, desprezar, *em absoluto*, a defeza nacional, illudindo a confiança publica, zombando, por um modo revoltante, da ignorancia geral.

Por fim li a *Ilustração Portuguesa*. E então, confesso, fiquei assombrado.

E' verdade! Até estive para não dizer aqui uma palavra. E' tanta gente a dizer que um republicano deve sempre achar bom tudo quanto dizem e fazem os republicanos, que é condemnavel procurar educar e orientar no meio da desorientação geral, que é criminoso protestar contra diversos perigosos, que, ás vezes, já receio falar.

Ha um facto que sempre considerei gravissimo, que cada vez reputo mais grave: é deixar ir o partido republicano á toa, é deixar que n'elle se arreguem os processos e vicios monarchicos. Sempre entendi, e entendo, que todos os democratras, que todos os patriotas, deveriam empregar os maximos esforços para dar ao partido republicano orientação e espirito democratico, d'outra forma o desastre d'esse partido, e o desastre da nação, é irremediavel. Por um lado perderá batalhas sobre batalhas antes de conquistar o poder, deixará fugir occasiões sobre occasiões de proclamar a republica, e, por outro lado, a republica cahirá immediatamente, um dia proclamada; nas mãos dos monarchicos, ou, pelo menos, continuará seguindo a maior parte dos processos odiosos e desastrosos da monarchia.

Sempre o entendi, e entendo. Mas não só tenho sido sósinho a entendendo, o que seria o menos, mas vejo ainda que quasi todos os outros se revoltam contra esse modo de vêr. E então digo a mim proprio: que ando eu aqui a fazer? Pois não sou um asno em querer educar os outros á forga? Para que queimar as pestanas? Para que trabalhar? E' muito bella a abnegação quando ella produz alguns resultados. E' verdadeiramente asatica quando não dá resultados nenhuns. E chego a achar razão aos pessimistas, eu, que sempre fui um optimista!

Eis porque estive, n'este caso, para não dizer nada. Mas, depois, observei: já agora irei até ao fim. Quando me calar, o que talvez não tarde, calar-me-hei por uma vez. Será quando adquirir essa convicção, tantas vezes proclamada, e contra a qual eu tanto tenho luctado, de que é inteiramente esteril, inteiramente inutil, a lucta pelos bons principios n'esta terra. Então retiro-me. Não sou um foliculario, não vivo da penna, não quero admitir, jámais admitirei, os partidos como quadrilhas, a republica para mim nada vale pelo simples facto de se chamar republica, logo nada tenho que fazer n'este campo desde que reconheça a inutilidade de advogar principios.

Li a *Ilustração Portuguesa*, como vinha dizendo. E, aparte a especulação mercantil,—e essa não hesitarei tambem em a reputar ignobil—aparte a especulação mercantil, revelada no espectacular das gravuras, no romantismo das scenas das ruas, nas manifestações populares, do desvaireamento das repartições militares, tudo, aliás, verosimil, *nada diz o papel que se não possa dizer*, e que não haja sido dicto pelo *Dia*, pelas *Novidades*, e por muitos outros periodicos portugueses.

E' espantoso, verdadeiramente espantoso, que se invoque a justiça, que se peçam repressões contra um facto de tal natureza, e que sejam jornaes republicanos que o façam! Verdadeiramente espantoso! E é espantoso já pelo attentado á liberdade de imprensa que isso representa, já pelo precedente estabelecido de ser considerado um *crime, uma traição*, revelar ao paiz o estado miseravel a que o exercito chegou, a situação horrorosa da defeza nacional, incitando assim á continuação de todos os egoismos, de todos os desleixos, de todos os erros que conduziram a essa vergonha, e mantendo, com cantatas ridiculas de *valentia de soldados e habilidade de officiaes*, a inconsciencia nacional.

O que se pretendeu com isso? Ferir o *Seculo*? Pois o *Seculo* não se

fere em cima de questões de tal ordem. Adular os officiaes, para que elles se apressem a fazer a *grande revolução*? Pois os officiaes amanhã terão o augmento de soldo que desejam, a melhoria de promoções que ambicionam, desejos, ambições, servidas poderosamente pela imprensa republicana, e, comida a isca, voltarão as costas, com gravissima offensa dos principios e damno enorme dos interesses nacionaes.

Os officiaes do exercito portuguez não precisam de ser adulados. Precisam mas é de ser castigados com a verdade. Assim como, dentro da ordem, se tem imposto para lhes serem satisfeitos os seus interesses pessoais, *porque tudo quanto tem exigido tudo tem obtido*, assim, dentro da ordem, se poderiam ter imposto para que o exercito portuguez estivesse á altura da sua missão.

Com que auctoridade querem uma mordaga na bocca d'aquelles que ousam duvidar de que basta a *sua habilidade e a valentia dos nossos soldados* para que o exercito hespanhol, ou outro qualquer, fuja espavorido, ou morda a terra na fronteira?

Toda a gente sabe quanto somos insuspeito ao dizer estas palavras. Não precisamos de campanhas da ultima hora para deixar de lêr o *Seculo*. Ha muitos annos que o não lêmos, a não ser por mero accidente, como tantas vezes aqui temos declarado. Ainda todos o achavam excellente e já nós demonstravamos quanto era prejudicial á causa democratica. Quantas injurias, por isso, como por tantas razões identicas, não recebemos nós d'aquelles que hoje pretendem aniquila-lo? Quantos, por termos visto a tempo o caracter de Cunha e Costa e Silva Graça, não nos chamaram a nós *espião, traidor, vendido á monarchia* e muito mais?

A *Ilustração*, essa não a lêmos nunca. Nunca! Foi agora a primeira vez.

Mas deante d'uma questão de principios pouco importa a *Ilustração* e pouco importa o *Seculo*. O que importa é a justiça, é a verdade, é a conveniencia da nação, e a propria conveniencia d'um partido que é a unica garantia e a unica esperanza que nos resta. Ora a conveniencia da nação é que se não abafe a voz, seja ella qual fór, que pozer em relevo que tanto, tanto sangue, *porque dinheiro é sangue*, arrancado á miseria do povo a titulo de defeza nacional, está reduzido a barro, a pó, a nada. E' que não vingue essa hypocrisia, essa mentira, que, sob o nome de patriotismo, não consente que se discuta a forga armada, arca sagrada que seremos forçado a adorar em mutismo absoluto, quer ella seja um relicario de virtudes, quer seja um ninho de ratos. E a conveniencia do partido republicano é que, para vingarmos a imbecilidade com que tantos annos acalentámos, cegos, e surdos a tudo, a vibora no peito, não vamos agora até á vergonha de pedir aos mesmos, que nos tratam como escravos, que amordacem aquelles que, tendo mentido tanta vez, estão agora, por excepção, dizendo uma grandissima verdade.»

Era o *Povo de Aveiro* o *unico jornal* que fazia verdadeira propaganda democratica. Era um militar quem, comprometendo gravemente os seus interesses, n'elle escrevia, por amor da verdade e dos principios, contra o militarismo. Mas, por fim, quem resultou, para o partido republicano, vendido ao governo, foi esse militar, foi este jornal. Quem resultou immaculado foi Affonso Costa, França Borges e outros da mesma natureza.

E digam lá que o partido republicano não está soffrendo o castigo que merece!

Theatro Aveirense

Em beneficio da Banda dos Bombeiros Voluntarios, realisasse no proximo domingo, 9 do corrente, no Theatro Aveirense um attrahente espectáculo de amadores, cujo programma é o que se segue:

1.^a parte—A banda beneficiada executará alguns trechos de musica do seu repertorio.

2.^a parte—A comedia em 1 acto, *Arte de Montes*.

3.^a parte—A engraçada scena comica, *Que boiada! Que tourada! Que uarrada!* desempenhada por J. Sameiro.

4.^a parte—A comedia em 1 acto, *Uma experiencia*.

Os bilhetes encontram-se á venda na Tabacaria Veneziana Central de Bernardo Sousa Torres, aos Arcos.

PAGAR É BRIO

Os srs. Fernando Correia, morador na rua Nova de S. Domingos 75-2.^o—Porto, José Pinto Fernandes, morador na rua dos Clerigos 102—Porto, e Manuel de Carvalho Moreira, de Castello de Paiva—Paradella, deixaram de pagar o recibo do *Povo de Aveiro* nas vezes successivas que lhe foi mandado, como deixaram de responder aos avisos successivos que lhe foram feitos, e devem a esta administração: o 1.^o um anno, o segundo e o terceiro seis mezes das suas assignaturas.

Esperamos ainda que suas senhorias paguem o que devem.

Cartas de Lisboa

30 DE MAIO

Realisou-se no domingo o annuncio comicio republicano. Muita gente, como de costume. Muita rhetorica, como de costume. E mais nada!

Hoje como hontem, como o anno passado, como ha tres annos, como ha vinte e cinco annos, como ha trinta annos. Assisti a todos os comicios que se realisaram desde 1875 até ao fim de 1890. Leio nos jornaes attentamente a narração do occorrido nos comicios realisados desde o principio de 1891 até hoje. Sempre o mesmo resultado. Sempre a mesma linguagem nos oradores republicanos. O presidente pede moderação e prudencia ao começar. Pede que dispersem em ordem ao terminar. As moções approvadas com o mesmo entusiasmo, sejam ellas quaes forem. E os oradores discursando sobre o mesmo thema, com os mesmos applausos, com os mesmos gestos, com as mesmas palavras, sejam elles quaes forem.

Se a monarchia não muda de processos, o partido republicano tambem não. Se os monarchicos desmentem a cada passo o seu programma, tambem os republicanos a cada passo desmentem o seu. Se os monarchicos nunca executam as suas promessas, nunca, tambem, os republicanos executam as suas. *Tudo como d'antes, quartel general em Abrantes*. Ou no campo monarchico, ou no campo republicano.

Fala-se agora em construir ou adquirir um edificio para reuniões republicanicas. Como se falou ha vinte e cinco annos! Encetam-se agora trabalhos para isso. Como se encetaram ha vinte e cinco annos!

Fala-se agora em organizar o cofre do partido. Como se falou ha vinte e cinco, ha vinte, ha dezasete e ha treze annos!

Quem podesse lêr—e não pôde porque tudo isso desappareceu—as propostas, os relatorios, as moções apresentadas nos varios congressos republicanicos, e ver como tudo ficou em *agua de bacalhau*—com licença dos nossos *confrades* Brito Camacho e João Chagas que, como fidalguinhos das lettras e pessoas de boa sociedade, se horrorizam d'estes termos plebeus—havia de se rir. Alegremente ou tristemente, conforme os sentimentos de cada um. Escancarando a bocca ou encrespando as faces. Mas, de qualquer forma, rir-se-hia. E acabaria

por dizer, se tivesse uma pontinha de bom senso: como republicanos e monarchicos são bem irmãos, afinal!

São, são. Irmãos direitos! Irmãos legítimos! Todos os mesmos, os mesmíssimos portugueses!

Como já o temos escripto muita vez, isto dá a impressão d'um paiz de meninada. Parece que só nos cercam rapazolas. Em volta de nós não vemos senão rapaziadas. Porque até as grandes patifarias, bem examinadas, tem um fundo de garotada.

Conheço a historia da decadencia de varios povos antigos e modernos. Nunca vi uma coisa igual a esta.

Na Galiléa havia o espirito messianico que differentes escriptores querem ver entre nós. Mas, com Deus ou com o Diabo, os revolucionarios da Galiléa, por entre todas as suas exaltações, por entre todas as suas chimeras, eram coherentes, eram sinceros, eram sérios. Os essenios pré-gavam a austeridade e eram austeros. Os zeladores, inimigos implacaveis dos phariseus, advogavam meios energicos e usavam meios energicos. Os romanos, que eram os romanos, tinham medo d'elles. O que temos nós em Portugal de comparavel a esses rotos cheios de nobreza, a esses famintos cheios de fé, a esses crentes, a esses convictos, a esses honrados miseraveis da Galiléa?

A grande asneira dos republicanos portuguezes foi limitar toda a propaganda a prégar a revolução, sem verem que não havia no paiz nem as energias selvagens d'um anterior periodo historico, nem as convicções da cultura moderna inherente ao estado actual de civilização, capazes de produzirem a revolução.

N'um povo estúpido, bestializado, adaptado á subserviencia, á escravidão de tres seculos de fanatismo profundo, uns gritaram a propaganda está feita; outros escreveram: não vale a pena instruir o povo; outros consideraram perigosa a propaganda anti-fradesca; outros zombaram dos immortaes principios; e todos abriram os braços aos tratantes, proclamando que só depois da Republica feita seria conveniente proceder á depuração.

De que valia crescer o partido republicano? N'esse estado de alma e de intelligencia seria sempre impossivel a revolução. Como foi, e como é.

A acção do tempo, só por si, é infinitamente inferior á acção do tempo combinada com a acção da educação. Uma creança abandona da chega a homem n'um estado que não admite comparação com o d'outro homem que foi instruido e educado desde a mais tenra infancia. Este tem por si a experiencia, a instrução, a educação. Aquelle só tem por si a experiencia, que é a mais morosa e a mais incompleta das fórmulas de educar. Ora o partido republicano confiou tudo do tempo. Então que espere. Não se obtem a dormir o que se obtem a trabalhar. E' a moral da formiga e da cigarra. Velha moral. Mas sempre verdadeira.

O sr. José Caldas, pontifice, escreveu que não valia a pena instruir o povo. Aliás o que os dirigentes republicanos, com rarissimas excepções, vinham pensando e fazendo ha muito.

O sr. Brito Camacho, pontifice, não quer que se faça propaganda anti-clerical para não se assustar os ignorantes, e observa, ao mesmo tempo, que só quando os ignorantes deixarem de ser ignorantes será possivel executar o principio de liberdade essencial, de liberdade de consciencia, que se traduz na separação da Igreja do Estado. Mas quando deixarão os ignorantes de ser ignorantes, se é um perigo ensinar os ignorantes? Quando será possivel ensinar os ignorantes se a republica, como tem feito a monarchia, considera prejudicial aos seus interesses ensinar os ignorantes?

O sr. Teixeira de Queiroz, pontifice, e com elle João Chagas, pontifice, e com elle Bernardino Ma-

chado, pontifice dos pontifices, e com elle todos, collocam a questão moral em segundo plano e exclamam: Venha gente, venha gente, que não é de qualidade que se trata agora mas de quantidade; venha gente, boa ou má, que tudo serve; a depuração far-se ha depois da republica proclamada.

Nem chegam a entender-se uns aos outros nem os extranhos chegam a entende-los a elles. Porque escrevia o sr. José Caldas que não valia a pena instruir o povo? Porque escreveu n'outro dia o sr. Brito Camacho n'um dos seus *ao de leve* que o saber deforma o caracter? Porque para ambos esses pontifices a principal condição é o caracter, e, segundo elles, a sabedoria mais prejudica, do que favorece—outra asneira—as qualidades moraes. Mas se o caracter é a principal qualidade, como investem nos primeiros cargos partidarios e exaltam até ás nuyens homens *sem caracter*? Porque chamam a si toda a gente, indistinctamente, relegando a depuração para o dia do *juizo final*?

Bem certo é—sabedoria das nações—que mais depressa se apanha um mentiroso que um coxo. Apesar de tanto disfarce, o que fica apurado é que só uma coisa elles querem: que o partido republicano atinja o poder. Seja como fór e pelo que fór. Para todos, a conveniencia partidaria acima da conveniencia da patria e da conveniencia dos principios.

Mas o processo que seguem será, ao menos, o que melhor favorece as conveniencias partidarias? Será, ao menos, um processo habil, um processo politico, como elles embofiamente apregoam?

De modo algum. E' processo d'aldeão manhoso, susceptivel de dar resultado no meio acanhado e bestializado da aldeia, mas contra-producente quando applicado a um meio mais largo e mais elevado. E vê-se. Os resultados ali estão. Todos os podem apreciar e n'elles aprender.

Vê-se. O partido republicano cresce numericamente. Mas em resultados politicos está sempre no mesmo terreno.

Crece numericamente, mas muito mais pelo descontentamento do que pela convicção. Convicções não as tem os proprios chefes, como tudo demonstra. Quem tem convicções não proclama que não vale a pena instruir o povo nem adia a depuração para depois da republica. Quem tem convicções e quem tem intelligencia. Postos de parte os dois elementos essenciaes da educação, que são a instrução e o exemplo, o que resta? Se o partido republicano não fórma a intelligencia pela instrução, e não fórma o caracter pelo exemplo da moralidade e da austeridade, qual ha de ser a sua força? O numero? O numero é muito quando o domina uma idéa e o attrahe um objectivo. Sem idéa, e sem objectivo, uma tromba d'agua o dispersa.

Colocar no throno o sr. Bernardino Machado em vez do sr. D. Carlos, ou ter um chefe temporario em vez d'um chefe vitalicio, não é, não pôde ser, ideal e objectivo que arraste um partido aos perigos, aos sacrificios d'uma revolução.

Esse foi o erro, o enorme erro dos dirigentes republicanos. Não instruíram. Não educaram. Não criaram convicções. Não corrigiram os defeitos do caracter nacional. Declamaram só. E a obra da declamação quando não é dissolvente é esteril.

Foram sempre uns meninos. Uns meninos caprichosos, uns meninos teimosos. E como meninos só tem feito coisas disparatadas e coisas á toa. Pois então agora é aguentar, que não ha outro recurso.

Ninguém lamenta mais a dictadura actual do que nós. Ninguém a procurou evitar como nós. Ninguém. Nós bem a previamos. Nós bem a temiamos. Fizemos troça. Então ali tem.

Ainda se ao menos agora a soubessem combater!... Mas não. E' sempre a mesma rapaziada. Uma meninice pegada. Nos primei-

ros dias davam o ministerio em terra como coisa certa. Não durava 24 horas. Tres dias, para os mais pessimistas!

Agora é doído quem afirmar que se apoia nos quartéis a dictadura actual. Assim o dizia ha dias um borrabotas na mais reles gazeta republicana que se tem publicada em Portugal.

Pois seja. Mas—cautela que o seguro morreu de velho—esperem sempre pela pancada.

C.

POVO DE AVEIRO

Vende-se em Lisboa na tabacaria Monaco, ao Rocio, e na Tabacaria Americana, ao Chiado, na rua Nova do Almada 46, junto á drogaria Falcão, na Havaneza de Alcantara, mercado d'Alcantara n.º 6, e no Bazar da rua Direita de Belem, 103. Em Coimbra na Tabacaria Central, rua Ferreira Borges, 27, e em Aveiro no kiosque de Antonio de Souza, Largo de Luiz Cypriano.

A DICTADURA

Vae-se confirmando tudo quanto nós dissémos. Tudo! Os patetinhos que davam como certa a queda do ministerio em 24 horas, uns, em 48 horas, outros, em 8 dias ainda outros, vão ficando com a cara que... tinham, teem, tiveram sempre e hão de ter eternamente. Jornalismo mais parvo não o ha em todo o mundo.

Perguntava Bernardino Machado, no ultimo comicio, onde estava a força do governo. Então onde estará, excelso Bernardino? Onde estará?

Na verdade, não está no parlamento. O parlamento é contra. Não está nas camaras municipaes. As camaras municipaes são contra. Não está no povo. O povo é contra. Diz agora um parvalhão, n'uma gazeta republicana, que nem está no proprio exercito, porque se no exercito ha franquistas tambem ha lá regeneradores, republicanos e progressistas.

Então onde está, excelso Bernardino? Está precisamente na fraqueza d'um partido que tem como chefe o Bernardino. Está precisamente na fraqueza d'um partido que tem como chefe Hintze Ribeiro e como marechaes outros tão criminosos e tão comprometidos como Hintze Ribeiro. Está precisamente na fraqueza d'um partido que tem como chefe José Luciano, que tem passado os ultimos annos da sua vida a ajudar a obra do engrandecimento real, e onde ha marechaes da laia de Ressoano Garcia.

Não está, não. A força do governo não está na propria força. Está na fraqueza dos adversarios.

Como havia de ser forte um partido onde Affonso Costa é chefe querido, exaltado, victoriado? Como havia de ser forte um partido onde tudo se cala quando Bernardino Machado põe o dedo no nariz?

Affonso Costa ou havia de tratar dos seus interesses ou dos interesses do paiz. Bernardino ou havia de passar o tempo a atirar beijinhos ás multidões, a procurar por toda a parte palmas, applausos, ovações, a fazer a obra do elogio mutuo, a provocar a idolatria, ou a pensar em coisas sérias.

Para que o partido republicano fosse um partido forte era necessario que fosse um partido de livre critica, um partido onde em vez do culto dos homens houvesse o culto dos principios, um partido de trabalho e de democracia. Não faz nada, não fará nada o partido republicano emquanto fór dirigido por scepticos, ignorantes, parvos alegres e tratantes.

Sempre o temos dicto. E sempre os factos teem confirmado as nossas palavras.

Mesmo com chefes incapazes á sua frente, outro seria o destino do partido republicano se dentro

d'elle houvesse um grupo de homens resolutos a affirmar resolutamente os bons principios. Completamente desorientado, o partido republicano tomou sempre como acto de *perigosa indisciplina* toda a critica, toda a censura, toda a opposição definida e energica aos desatinos dos dirigentes. Ainda n'isso, como em tudo, adoptou os detestaveis processos monarchicos. Ora comprehende-se que seja perigosa qualquer opposição n'uma quadrilha. Os partidos monarchicos eram logicos. Mas podia ser o partido republicano uma quadrilha? Devia-o ser? Se o não podia ser, se o não devia ser, se toda a sua força havia de derivar do culto e da pratica dos principios, como marchar na senda dos partidos monarchicos, só mantidos, só ligados, só subjugados pelo interesse? Como converter o partido republicano, á imitação dos partidos monarchicos, —e só então seria perigosa a liberdade de critica dentro d'elle— n'uma quadrilha?

Bernardino Machado ainda poderia ser aproveitavel, com todas as suas parvoçadas e com todas as suas velhacarias, se dentro do partido republicano houvesse gente que nas assembleias lhe dissesse abertamente o que mandavam a verdade, a justiça, os interesses partidarios, os interesses nacionaes, emfim, a boa democracia. Affonso Costa, nos mesmos casos, não se teria arremessado de cabeça para baixo no caminho do bandidismo. Mas quem deteve esses homens nas tendencias funestas dos seus temperamentos? Ninguém. Não faltavam republicanos, nem faltam, a dizer as ultimas contra elles—ainda processo de quadrilha—nos cafés, em todos os pontos de reunião restricta, em todos os centros de cavaco. Mas nos jornaes republicanos, nada. Mas nas assembleias partidarias só palmas, só applausos, só subserviencia até á ignorancia.

Pôde lá ter força, pôde lá, um partido assim!

Não tem força nenhuma. E está-se vendo. A mesma força que tem o partido regenerador. A mesma força que tem o partido progressista. Não são par idos, são quadrilhas. E, como quadrilhas, é claro que só tem força a que dispõe dos bacamartes e das enruzilhadas do poder. E' clarissimo.

Sejam sinceros. Procurem o impulso moral no estudo dos problemas sociais e no amor dos principios. E hão de ver, depois, como será impossivel esse espectáculo unico do rei se aguentar contra o desagrado inteiro da nação.

O partido progressista, como o partido regenerador, desprestigiados por muitos motivos, ainda sentem coarctada a sua acção pela ameaça dos adeantamentos.

O partido republicano, perdido o tempo com procissões, arrastando Bernardino Machado, santo bonifrate, por esse paiz fóra n'um andor, desmoralizado com uma idolatria comica, á força de apelintrada e grosseira, de devotos sertanejos, encontrou-se, depois de ameaçar furiosamente com a revolta violenta, com cinco dedos em cada mão.

Que queriam? Que querem?

O resultado ali está. Todo o paiz se oppõe á dictadura. E contra a vontade inteira do paiz se aguenta a dictadura.

Dizia o parvalhão da gazeta republicana que a dictadura militar é uma cantata para favorecer os interesses do governo, por isso que se nos quartéis ha officiaes franquistas tambem os ha regeneradores, republicanos e progressistas. Ora o que abunda nos quartéis são officiaes de *porrada*, sempre promptos a ella e applaudindo calorosamente qualquer governo que a mande dar. Não teem partido. São contra o povo, contra a canalha, contra os *discolos*. Depois d'esses veem em numero os franquistas. Depois dos franquistas vem um ou outro republicano, mas republicanos platonicos, republicanos *maçonicos*, que não desgostam da republica e que a acceitam mas com a condição d'ella lhes não exigir o sacrificio d'um cabelo. E dando-se a circumstancia importante d'estarem n'este momento desmoralizados com o augmento de soldo e desalentados com todas as

patifarias e asneiras d'alguéns dos chefes republicanos. Regeneradores ou progressistas só um ou outro official superior, ou official general, com o pouco ou nenhum prestigio que todos lhes conhecem. Fóra dos quartéis é que ha officiaes regeneradores e officiaes progressistas de varias patentes. Mas de que servem esses, se atraz de si não levam um soldado?

N'estas condições, e attendendo a que os officiaes acham em João Franco o merito,—para elles, que não teem principios, quasi o unico attendivel,—de não roubar, como dizem, nem deixar roubar, a dictadura militar é recebida nos quartéis com manifesta sympathia.

Esta é que á a verdade. João Franco conta em Lisboa com o apoio *unanime*, ou quasi unanime, dos officiaes arregimentados de cavallaria, com a grande massa dos officiaes arregimentados de infantaria e com um forte apoio nos officiaes arregimentados de artilheria. E tem a municipal. No Porto, a differença, se a ha, é pequena.

Por esse lado está seguro. E como tambem está seguro na fraqueza dos adversarios de todas as côres, só cairá quando o rei tiver mostrado bem que, quando quizer, pôde governar como rei absoluto.

Depois, sim. O que não será, julgamos, questão de muitos mezes. Depois, sim. Antes d'isso percam-lhe as esperanças.

Deixem cantar Bernardino Machado e outros parvos alegres da mesma força.

Um grupo de ex-bombeiros pede-nos a publicação do seguinte:

Ao sr. governador civil

Por alvará de 23 de março ultimo, dissolveu s. ex.ª, o sr. governador civil do districto, o corpo activo da Associação Humanitaria dos Bombeiros Voluntarios, d'esta cidade, sob o fundamento da direcção ter pedido a demissão e não haver em toda a corporação individuos com habilitações sufficientes para exercerem aquelles *espinhosissimos* cargos, motivo porque nomeou uma commissão composta de tres individuos para reorganizar novamente o corpo activo, na *intelligencia*, porem, *de que deviam ser respeitadas todos os interesses dos socios que teem contribuido com regularidade para a caiza dos soccorros*.

O que é certo, porem, é que, por acinte ou sem elle, o cobrador não se tem dirigido aos interessados a cobrar as respectivas quotas, antes pelo contrario tem sido elle procurado por estes, allegando não ter recibos para proceder a essa cobrança.

Ao sr. governador civil, como unico que pôde mandar fazer cumprir a determinação expressa, levamos ao seu conhecimento, esta *innocente piéguice*, a fim de que se digno providenciar, e que de certo fará, attento ao caracter sério e impolluto de s. ex.ª, que está muito acima d'estas *tricas* pessoas.

EPHEMERIDES DEMOCRATICAS

27 de maio.—Assigna-se a convenção de Evora-Monte, 1834.

28 de maio.—E' guilhotinado Babeuf, 1797.

29 de maio.—O regimento de infantaria n.º 15, de guarnição em Almeida, proclama a carta constitucional, 1828.

Reune-se a assembléa republicana e legislativa franceza, a primeira eleita pelo suffragio universal, 1849.

30 de maio.—Morre Voltair, 1778.

31 de maio.—E' aprisionada a esquadilha da expedição setembrista, á sahida do Porto sobre Lisboa, pela esquadra reunida das potencias alliadas.

1 de junho.—Chega D. Miguel a Sines e embarca d'alli para o estrangeiro, depois da convenção de Evora-Monte, 1834.

2 de junho.—D. João VI, 1823, sahe de Lisboa para Villa Franca e deroga a constituição de 1822.

MACHINAS "PFAFF,"

— E —

BICYCLETES OSMOND

JOSÉ MARIA SIMÕES & FILHOS, estabelecidos em Sangalhos, com deposito de relógios e machinas de costura, bicyclettes e seus accessorios e bem assim com officina de reparações tanto de relógios como de machinas de costura e bicyclettes, previnem os seus amigos e freguezes que montaram em Aveiro, Largo do Espirito Santo, proximo á fonte das 5 bicas, (Chafariz da Agua), uma succursal para venda das suas machinas de costura, bicyclettes e seus accessorios e bem assim, annexo ao mesmo estabelecimento, tem uma officina de reparações com pessoal habilitado para fazer concertos tanto em machinas de costura como em bicyclettes.

Podem por isso, a todas as pessoas de suas relações e ao publico em geral, a fineza de não comprarem em outra parte sem primeiro visitarem e confrontarem os preços tanto no seu deposito em Sangalhos; como na sua succursal em

Aveiro, Largo do Espirito santo

para verem as vantagens que estas casas lhes offerecem. Toda a correspondencia deve ser dirigida a

JOSÉ MARIA SIMÕES & FILHOS

Anadia, Sangalhos; ou para Aveiro ao sr.

JOSÉ AUGUSTO REBELLO

Gerente da casa Simões & Filhos

Alugam-se bicyclettes tanto em Sangalhos, como no Largo do Espirito Santo, em Aveiro.

ESTABELECIMENTO DE MERCEARIA

— DE —

Albino Pinto de Miranda

(LARGO DE MANUEL MARIA)

AVEIRO

Commissões e consignações. Deposito de petroleo, sabão e azeite. Sortido completo de vinhos da Companhia Vinicola e da Associação Vinicola da Bairrada. Vinhos finos do Porto e da Madeira, especiaes. Champagne nacional e estrangeiro, cervejas de diversas qualidades, licôres e aguardentes, generos de mercearia; bolachas e biscoitos das principaes fabricas do paiz, pelo preço da tabella; fructas seccas, chourissos do Alemtejo e banha da terra. Chumbo, cartuchos e mais petrechos para caça, corda, fio e linha de pesca. Uma variedade enorme de miudezas. Objectos de escriptorio, etc, etc, etc.

Pechinchas para liquidar:

PRATOS da fabrica de louça de SACAVEM A 450 E 360 REIS A DUZIA, e o resto do seu sortido de louça vende por preços muito resumidos.

JOSÉ MARIA SIMÕES & FILHOS

SANGALHOS

VENDEM e trocam relógios de bolso e de salla.

Correntes e medalhas de prata.

Machinas de costura «PFAFF», White e outros auctores.

Bicycletas «BRISTOL», «TRIUMPH», «OSMOND», «GUITYNER» e outros auctores.

Completo sortido de accessorios, tanto para machinas de costura como para bicycletas.

Officina para qualquer reparação.

Alugam-se bicycletas

José Maria Simões & Filhos

ANADIA - SANGALHOS

MATERIAES PARA CONSTRUÇÕES

DE

Antonio da Costa Junior

Fabricante e fornecedor de adôbos na qualidade de areia agría e macia, e contraria ás sainhas. Adôbos de parede, muro, mendões, tres quartos, canejas de poço e areia fina e grossa, tudo da melhor qualidade.

Modicidade de preços.

AVEIRO — PREZA

Artigos photographicos, POR PREÇOS MODICOS, Vendem-os Felix, Filhos AVEIRO

HOTEL CYSNE BOA-VISTA AVEIRO

JOSE FERNANDES LAGO, antigo proprietario do bem conhecido CAFE CHINEZ, de Espinho, participa a todos os seus amigos, freguezes e ao publico, que tomou de trespasse o HOTEL CYSNE, de Aveiro. Posto que este antigo estabelecimento gosasse desde ha muito de excellentes creditos, o seu novo proprietario não se tem poupado a despesas e sacrificios para bem servir todas as pessoas que preferem a sua casa.

Resolveu tambem estabelecer um serviço de café e restaurante, achando-se o estabelecimento aberto até altas horas da noite, afim de que o publico possa encontrar ali as melhores distrações.

Para que o serviço seja completo e os freguezes tenham todas as commodidades, encontrar-se-ha á chegada de todos os comboios á estação de Aveiro um correitor do mesmo hotel.

Por todos estes motivos espera o novo proprietario do HOTEL CYSNE a continuação das ordens de todos aquellos que em Aveiro precisam de alojamentos ou quaisquer outros serviços que ali lhes possam ser fornecidos.

Feltios quasi de graça só na Officina de alfaiate

DO

ASYLO-ESCOLA DISTRICTAL DE AVEIRO

RUA DO GRAVITO

Dirigida por Francisco Marcos de Carvalho

N'esta officina executa-se com perfeição todos os trabalhos concernentes á arte.

Consultas todos os dias das 10 h. em diante
Chamadas a qualquer hora
R. dos Mercadores — AVEIRO

Jose Maria Soares
medico e cirurgião pela Escola Medico-Chirurgica do Porto
CLINICA GERAL

IMPRESSÕES DE VIAGEM

O QUE EU VI E OUVI ATRAVEZ DO EGYPTO E DA VELHA EUROPA

Vendem-se n'esta redacção, por 800 réis, os dois bellos e excellentes volumes d'esta publicação, escripta pelo nosso illustre correspondente José de Souza Larcher.

METHODO JOÃO DE DEUS

LEITURA

Primeira parte—Cartilha Maternal ou Arte de Leitura—18.ª ed., cart. 200 réis, broch. 150
Album, ou livro contendo as lições da Cartilha Maternal em ponto grande 50000
Quadros Parietaes, ou as mesmas lições em trinta e cinco cartões. 60000
Segunda parte—Os Deveres dos Filhos—1.8ª ed., cart., 200 réis, broch. 150
Guia práctico e theórico da Cartilha Maternal—1 vol. de 176 pag., compilado por João de Deus Ramos. 150

ESCRIPTA

Arte de Escripita—cada caderno, 30

Livros de polémica sobre o Método

A Cartilha Maternal e o Apostolado. 500
A Cartilha Maternal e a Crítica. 500

Do mesmo auctor:

LITTERATURA

Campo de Flôres Poesias prefaciadas e coordenadas por Theophilo Braga, 3.ª ed., (esgotado), 700
Prosas Coordenadas por Theophilo Braga 800

DEPOSITO GERAL

Largo do Terreiro do Trigo, 20, 1.º—LISBOA

Venda dos livros escolares de João de Deus desde 1 de outubro de 1906

DESCONTOS

Em 20 exemplares (d'um dos livros, «Cartilha Maternal» ou «Deveres dos Filhos»), 15 0/0.

Em 100 exemplares dos mesmos livros, 20 0/0.

Em 500 exemplares dos mesmos livros, 25 0/0.

A EXPOSIÇÃO ORAL DO METHODO faz-se em cursos mensaes (gratuitos) na casa da viuva de João de Deus, rua João de Deus, 13, 1.º (á Estrella), onde poderá inscrever o seu nome quem deseje conhecer com exactidão a Cartilha Maternal, ou a Arte de Escripita.

A VENDA EM QUASI TODAS AS LIVRARIAS

FÁBRICA DOS SANTOS MÁRTYRES

DE

CHRISTO, ROCHA, MIRANDA & C.ª

Moagem de trigo, milho e descasque de arroz, pelos systemas modernos e mais aperfeiçoados. Farinhas superiores, cabecinha, sementes, farellos e alimpaduras.

Compra-se milho, trigo e arroz a retalho e por atacado.

ESCRITORIO—R. DA ALFÂNDEGA

AVEIRO

ETABELECIMENTO DE MERCEARIA

E FERRAGENS

— DE —

ANTONIO FERREIRA FELIX, Filhos (Successores)

N'ESTE antigo estabelecimento vendem-se ferragens nacionaes e estrangeiras, taes como: ferro em barra e em chapa, zinco, folha zincada, faqueiros de Guimarães e estrangeiros, paz de aço, ratoeiras de ferro e arame, fechos, fechaduras e dobradiças, panellas de ferro fundidas e estanhadas, chaços de ferro, fogareiros, pulverisadores de diferentes marcas, arame para ramadas, redes para vedações, alvaiades, vernizes, drogas, tintas preparadas e em massa, mercearia, madeiras, etc., etc.

MODICIDADE DE PREÇOS

RUA DIREITA N.º 43 45—AVEIRO